

Ivan Cardoso aborda o gaúcho sem veleidades em curta sobre Dyonelio Machado

Glênio Nicola Póvoas

Em 1978 o diretor Ivan Cardoso esteve em Porto Alegre para filmar um documentário (11 minutos) sobre o escritor Dyonelio Machado (1895-1985). O filme intitulado *Dr. Dyonelio* - raramente exibido - está bem ao alcance de todos nas locadoras como um dos vários filmes que contém a fita *Ivampirismo: o cinema em pânico*, lançada em meados dos anos 90.

sobre o plano inaugural

O plano inaugural é a reprodução de um óleo sobre tela, "Pousada de carreteiros-Barra do Ribeiro", pintado por Pedro Weingärtner em 1916: um grupo de gaúchos (cinco sentados e um em pé) reunidos ao redor de um caixote, jogando cartas, um deles leva uma cuia de chimarrão à boca; ao fundo à direita, três carroças, uma fogueira de chão com outros três homens ao redor, árvores; ao fundo à esquerda, uma casa etc.. Weingärtner é quem tematiza pela primeira vez na pintura local o homem da colônia e o gaúcho. No entanto, o gaúcho retratado por ele é aquele "sem veleidades heróicas", diferente daquele convertido em mito por escritores e políticos². É o homem comum, solidário, a roda de chimarrão significando cumplicidade.

O diretor Ivan Cardoso foi extremamente feliz ao abrir seu filme com a imagem retratada por Weingärtner,

¹ Dimensões 37x73cm. Coleção Centro Cultural Aplub, Porto Alegre. Reproduzido no catálogo da exposição "Pedro Weingärtner (1860-1929)", Porto Alegre, Escritório de Arte Alto da Bronze, nov. 1996.

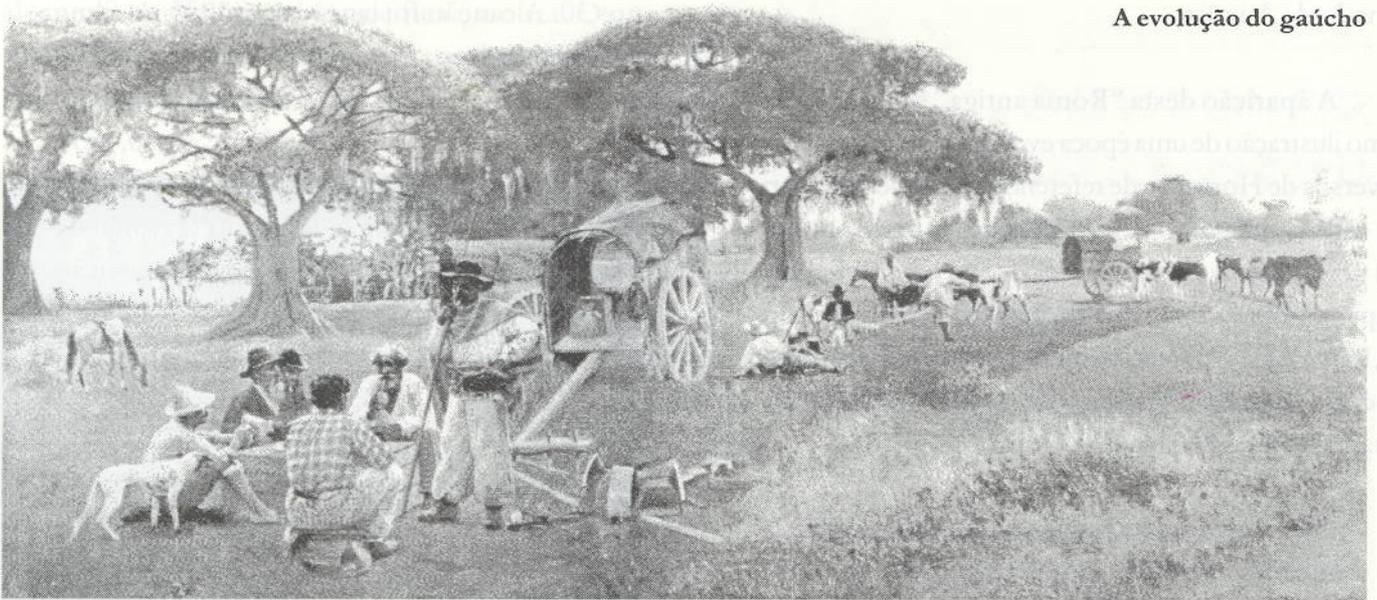
² Conforme Flávio KRAWCZYK, "O lugar das formas", no catálogo citado.

pois esta acaba correspondendo ao imaginário do próprio Dyonelio Machado, como afirmará no filme: "Eu sou duma terra de imaginação. O gaúcho, aquela vida segregada na estância, com um convívio muito limitado, aquilo leva às fantasias, aos sonhos, ao conto, à história(...)".

Dyonelio Machado não se apresenta como o protagonista de *Dr. Dyonelio*. O protagonista sugerido mais parece ser o gaúcho "sem veleidades heróicas", com sua vestimenta e hábitos típicos (pala, bombacha, guaiaca, chimarrão como retratado por Weingärtner). Esta idéia fica reforçada com uma cartela mais adiante, onde se lê: "o centauro dos pampas". O que é o centauro? Vem da mitologia grega, cabeça, tronco e braços de homem e o resto do corpo e as pernas de cavalo. A partir da construção do filme (centauro + pampa) pode-se chegar na construção de que o gaúcho sem o seu cavalo perde o seu valor, a sua força, a sua energia.

O plano inaugural - estático - também se transmutará em imagem em movimento: no decorrer do filme são inseridas imagens em preto e branco de arquivo que mostra um grupo de gaúchos ao redor do fogo (anos 40?, 50?, 60?). É como se o quadro de Weingärtner (anos 10-20) ganhasse vida, reforçando e trazendo para a contemporaneidade este gaúcho sem veleidades heróicas, que se estenderá à atualidade do filme (1978), agora com o gaúcho personificado por Dyonelio Machado tomando chimarrão em seu apartamento.

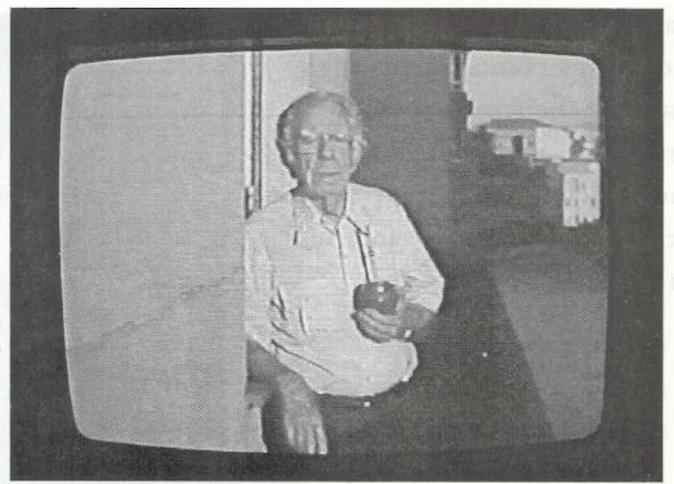
O plano inaugural dá o tom do que o filme será, o universo por onde andaré ...



o quadro de Pedro Weingärtner



a imagem de arquivo



e Dyonelio Machado

apresentação de Dyonelio Machado (DM)

DM é apresentado de costas, primeiro plano, tomada de ombro, a mão esquerda segura um livro aberto e com a direita escreve com giz num quadro. Revela antes do escritor, a figura do estudioso, do professor, do mestre, citando versos de Horácio em latim. Uma cartela a seguir tenta decifrar este personagem: “avis rara”. Agora, primeiro plano de DM, não totalmente de frente, sua biblioteca ao fundo, seu habitat, seu universo ou melhor, um de seus universos, já que os próximos planos vão

introduzir um outro espaço-tempo, um outro universo.

O plano inicia com um homem de costas indo em direção ao mar, veste “figurino romano”, enquanto ouve-se em off, DM: “Agora uma frase, um verso latino, do Horácio; eu reputo o mais belo verso que eu até uso: [verso em latim]”. Este homem em direção ao mar que se revelará ser interpretado por Wilson Grey constitui um outro núcleo do filme, complexando a sua estrutura. Trata-se de uma improvável Roma do século de ouro, iniciado com o

reinado de Augusto.

A aparição desta “Roma antiga” se justificaria como ilustração de uma época evocada por DM através de versos de Horácio e de referência de Décio Pignatari em off: “O mergulho de Dyonelio no mundo antigo. (...) Os autores gregos e latinos de sua juventude. Os mapas e plantas de Roma no século I. Caminhando em Porto Alegre parece caminhar pelas ruas de Roma dizendo versos de Virgílio e de Horácio. À beira do Guaíba, está às margens do Tíbre (...)”.

Ou a Roma antiga surgiria para suprir a carência do engenho criador apontado por DM no depoimento mais contundente do filme, referindo-se à “cultura literária e artística do momento”. Ou seja, a Roma antiga seria o engenho criador do filme ou o que quer tentar ser. É uma situação pronta para virar uma chanchada (a escolha de Grey³) mas, ao contrário, vem carregada de melancolia e dramaticidade. Ainda, com boa imaginação, Wilson Grey e seu “figurino romano” remetem ao gaúcho e seu “figurino típico”.

sonoridade

Além das ricas imagens, este filme é rico em sonoridade. Somam-se aos depoimentos de DM e a narração de Décio Pignatari (que só aparece em fotografia), três músicas: “El día que me quieras”, canção de Carlos Gardel e Alfredo Le Pera, na interpretação de Gardel; “Cadeira vazia”, samba-canção de Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves; e “Jardim da saudade”, valsa de Lupicínio Rodrigues, interpretada pelo próprio.

“El día que me quieras” evoca toda uma época

- os anos 30. A canção foi lançada em 1935 no filme de título homônimo, mesmo ano em que Gardel morre num desastre de avião. Para DM é um ano crucial: “recebe o Prêmio Machado de Assis, pelo romance *Os ratos*, publicado em São Paulo, pela Cia. Editora Nacional. Preside o diretório regional da Aliança Nacional Libertadora (ANL), em oposição ao governo de Getúlio Vargas. Articula movimentos grevistas. É preso em 18 de julho, por delito de opinião”⁴.

Não será por nada que Ivan Cardoso inseriu imagens de arquivo em preto e branco, de Getúlio despachando atrás de uma escrivinha, com versos do samba-canção: “Eu sofri demais quando partiste, passei tantas horas tristes, que nem é bom lembrar este dia”: fina ironia. A imagem de Getúlio também serve para criar oposição a DM no plano em que aparece atrás de sua escrivinha, no momento em que dá o depoimento mais vigoroso: o da falta do engenho criador.

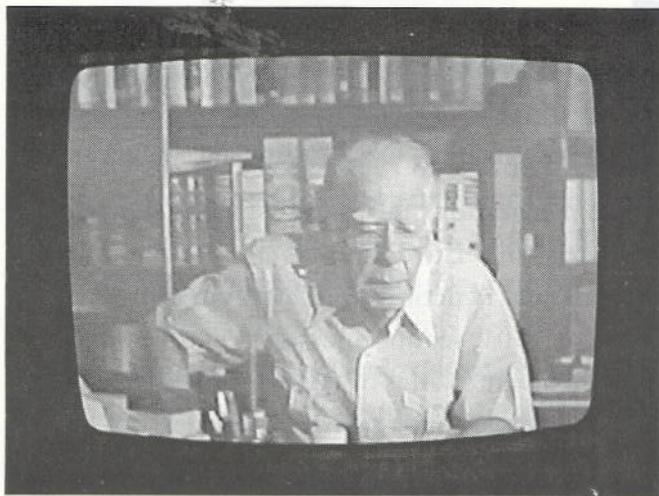
As músicas de Lupicínio refletem mais o estado de DM. Há um momento em que ele faz um brinde para o espectador e logo se ouve o samba-canção: “Entra, pode entrar a casa é sua”. O filme encerra com versos da valsa: “Ver carreteiro na estrada passar. E o gaiteiro sua gaita tocar, ver campos verdes cobertos de azul isto só indo ao Rio Grande do Sul. Ver gauchinha seu pingo montar, e amar com sinceridade, ah o Rio Grande do Sul é, pra mim, o jardim da saudade”. Fina melancolia.

fogo

O penúltimo plano do filme é uma imagem de faíscas de fogo com o off de DM: “Bem, o livro ficou. O livro ficou”. O livro é *Os ratos*. O fogo é a fênix que renasce das cinzas, que vence a morte e

⁴ Conforme “Cronologia da vida e obra”, em Dyonelio Machado, Porto Alegre, Unidade Editorial, 1995, Cadernos Porto & Vírgula, 10, p.80.

alcança a imortalidade. O que fica é a obra. O que fica é *Os ratos*. Ficou também este sensível, admirável filme de Ivan Cardoso.



Créditos iniciais: // um filme de Ivan Cardoso // *Dr. Dyonelio* // **Créditos finais:** // **Orientação poética:** Décio Pignatari // **Fotografia:** Antonio Penido. **Montagem:** Ricardo Miranda // **Produção:** Aluizio Leite Filho, Ivan Cardoso, Cinemateca do MAM // **Participação especial:** Wilson Grey, Helio Oiticica, Lourdes Salgado, Rubam Barra, Marcia Lonardo, Helena Lustosa, Julio Borges, Marcia Pitanga, Oscar Ramos, Radar. **Produção:** Daniel Stambowsky. **Letreiros:** Oscar Ramos, Luciano Figueiredo. **Stills:** Eduardo Viveiros //

*Cineasta e Professor de Cinema da
FAMECOS/PUCRS